COMEMORAÇÕES DOS 50 ANOS DO EDIFÍCIO

Os Escritores da Rocha Peixoto

Prefácio

Escrever é partilhar o que nos vai na alma, verbalizar alegrias, angústias, medos e sonhos, sobre tudo e sobre nada. Este é o desafio que, cada ano, a biblioteca coloca à comunidade escolar. Não é fácil, mas quem se atreve, torna-se um Escritor da Rocha! A promoção da leitura e da escrita tem-nos movido, ano após ano, e assim surge o número seis, da coletânea de textos em prosa e poesia, da autoria de alunos, professores e funcionários da nossa escola. A temática depende do sentir de cada "escritor", no entanto a orientação dos professores de Língua Portuguesa é sempre importante neste projeto. Nesse âmbito, vários textos versam a difícil arte de escrever, de ser poeta e ainda uma reflexão pessoal sobre a imagem de Georgia O'Keeffe, Escada para a Lua (1958). As imagens que ilustram as palavras, também elas formas de expressão, resultaram do trabalho realizado nas disciplinas de Expressão Artística e Educação Visual.

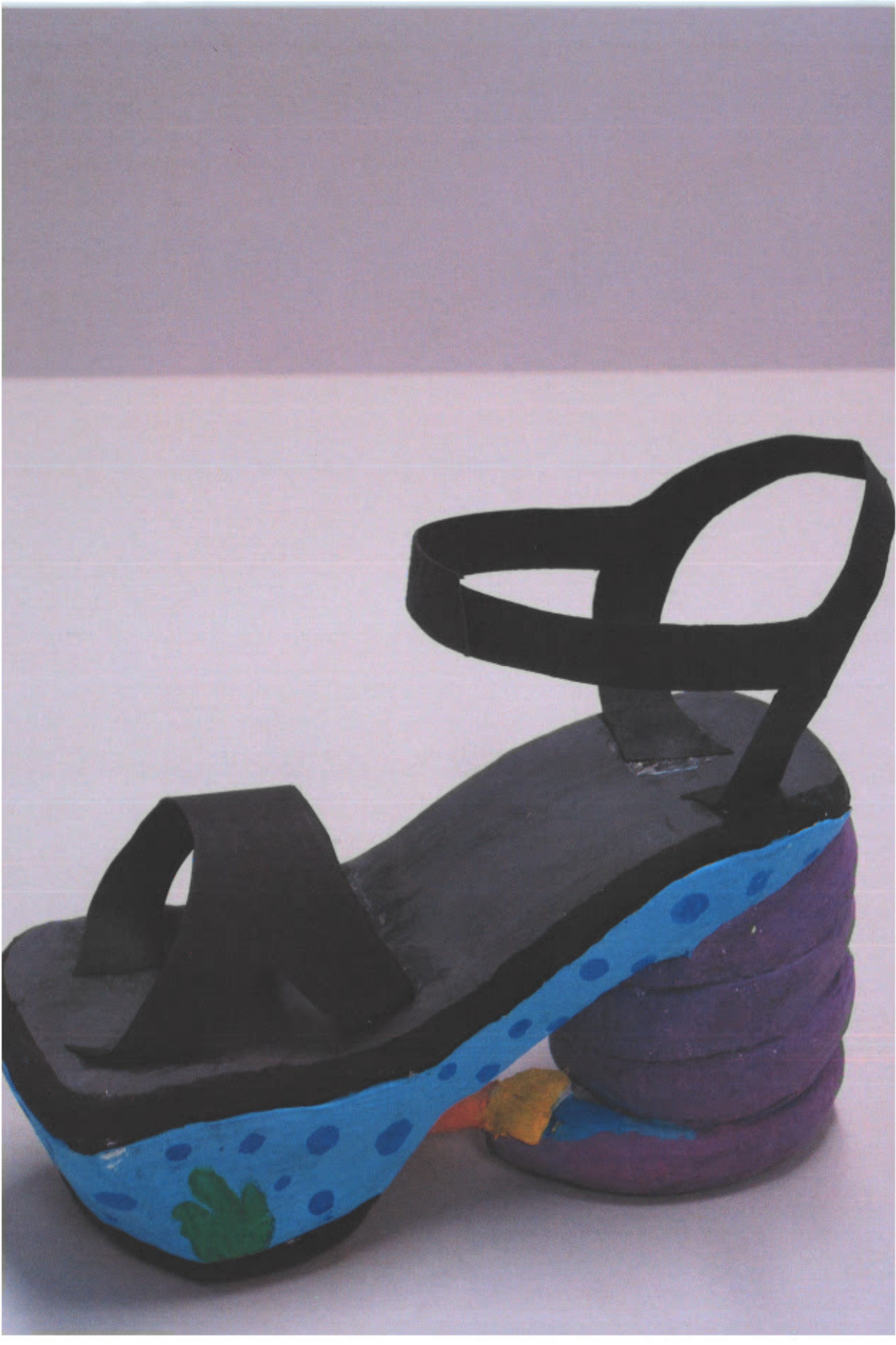
No ano em que comemoramos 50 anos da Escola Secundária Rocha Peixoto, no espaço atual, este projeto assume ainda maior importância pois, constitui testemunho vivo do envolvimento da comunidade na vida da sua escola. A formação integral de cidadãos interventivos e críticos foi e será sempre a missão desta Escola, que somos todos nós.

Albina Maia – Professora Bibliotecária

a

ESCALÃO

Poesia e Prosa



Mãe

Paulo Amorim, 7ºB

Para amar a minha mãe
Tudo aquilo que eu fizer
Nunca há-de ser tão grande
Quanto o bem que ela me quer.

Minha mãe, minha flor
Guardada no meu coração
Alivia a minha dor
Com teu amor e paixão.

A tua ternura é como um cobertor
Que me aquece
Com o seu amor.

O teu amor é como uma chama
Que arde sem parar
De noite e de dia
Sem acabar.

Quem é o poeta?

Rui Matias, 7º C

Um poeta é um caçador de sonhos,
É alguém que explora sentimentos,
É um guardião de mundos
E de ruas com vários destinos.

Ser poeta é não ter medo
De cair, nem de recomeçar,
Nem de apontar o dedo
Aos destinos que se estão a traçar.

É amar a poesia,
Tratá-la como se tivesse vida,
Recitá-la com voz clara
Como se fosse uma coisa divina.

É conseguir saber
O sentido das vidas.
É ver para além do corpo,
Descobrir as nossas mentiras.

É ser alguém que vive só,
Somente com a poesia.
É possuir a essência das ideias
E um ar de maresia.

Saudade

Francisca Lopes, 8º A

Experiências agradáveis,
Vividas anteriormente,
Levadas em vão
Por quem se encontra ausente.

Lembranças,
Para sempre efetivas no coração
De alguém de quem precisamos
E a quem sorrimos com gratidão.

Por vezes sinto-me bem,
Ao lembrar-me do passado
Ao lembrar-me dos sorrisos
De quando estavas a meu lado.

Saudade é o amor que fica,
É um sentimento universal
Sobre quem ama muito
De forma incondicional.

Saudade é perda,
Distância e amor,
É solidão, é mágoa,
É dor.

Para a minha avó,
Que nunca vou esquecer,
Foi quem me ensinou a sorrir,
A vencer e a viver.

Poesia

Francisca Lopes, 8ºA

Sinto como é bom
Escrever poesia.
É exprimir as melhores palavras,
É soltar alegria.

É estar atenta ao erro,
Às frases, à rima,
É seguir caminho
De cabeça para cima.

É exprimir um sentimento,
É uma luz na escuridão,
É ouvir, gritar,
É perder a noção.

É a pesca de palavras,
O poder da criatividade.
Escrever poesia
É um dom da Humanidade.

Eterna amizade

Mariana Nunes, 8º A

Viver é crescer,
Crescer é lembrar,
Lembrar é amar.
Amar é esperança,
Esperança de viver,
Viver é amar,
Até desaparecer.
Quem lembra não esquece,
Quem não esquece vai sempre lembrar,
Quem lembra sabe amar.
Quem ama sobrevive,
Quem sobrevive sabe viver.
Quem vive aprendeu a crescer.
Queres amar? Então lembra-te,
De quem sempre te amou,
Quem nunca te esqueceu sempre te adorou.
Tu estás aqui a ler este poema,
Se o lês é porque amas e achas que isto não é dilema.
Num dia amei e ganhei uma amiga
E ela sempre foi querida,
Um dia ela foi embora
Mas nunca me deixou sozinha.
Foi para outro continente, e não me levou com ela,
Mas está sempre no meu coração
E eu no dela.
Nunca nos iremos separar,
E sempre nos iremos lembrar,
De todos os momentos tolos,
E de todos os nossos bolos.
Um dia quero reencontrá-la,
E poder abraçá-la,
Lembrar todos os momentos
E nunca esquecer os nossos pensamentos.

Vida

Sara Silva, 9ºA

Todos os dias há coisas a nascer,
Outras a morrer.
O sol nasce e morre todos os dias.
Porém, cada amanhecer tem um
novo cintilar,
Uma nova chama a apresentar...

Esta vida é um jogo,
Que nem sempre conseguimos
ganhar.
Lá se vai jogando,
Lá se vai vivendo,
Com os erros aprendendo.
Por vezes, temos que provar o
sabor amargo do fel,
Para lembrar que, para obter o
mel,
Temos que sofrer.
Mas a dor acaba por terminar,
Como uma noite escura e fria,
Da qual temos medo.
Essa também tem um fim.
Assim, é bem-vinda uma manhã
soalheira,
Que tem o poder de nos libertar.
É esse o segredo que visa guardar.

Um novo dia nasce,
Uma nova personagem surge.
Nesta vida várias figuras devemos
encarnar.
Uma feliz, quando nos apetece
chorar.
Uma forte, quanto tudo está a
desabar.
E quando queremos desistir?
Mesmo aí, somos uma figura a
sorrir.

É assim que se joga,
O triste jogo da vida.
Esperamos a morte da estrela,
E a sua ressurreição.
Assim, nascerá nova personagem,
No meu coração.
Ela é cega, muda e não sente dor.
É como a pele,
Para esconder o exterior.

A vida

Ana Pedro Silva,7ºB

" O que é a Vida?", Questiono-me eu todos os dias. Será o que, pela visão dos cientistas, nos dá vida? Ou será aquilo a que nós chamamos rotina?

Mas será melhor perguntar "O que é a Morte?". Talvez nos respondam os mais pequenos:" A Morte é quando uma pessoa morre" e talvez na Igreja: " A morte é quando a alma abandona o seu corpo, quando Deus decide que essa pessoa terminou a sua missão na Terra", ou se perguntarmos na rua talvez, os idosos nos respondam isto:"" A Morte é daquilo que estou mais próximo". Resumindo, o ser humano não sabe a definição de Vida ou de Morte.

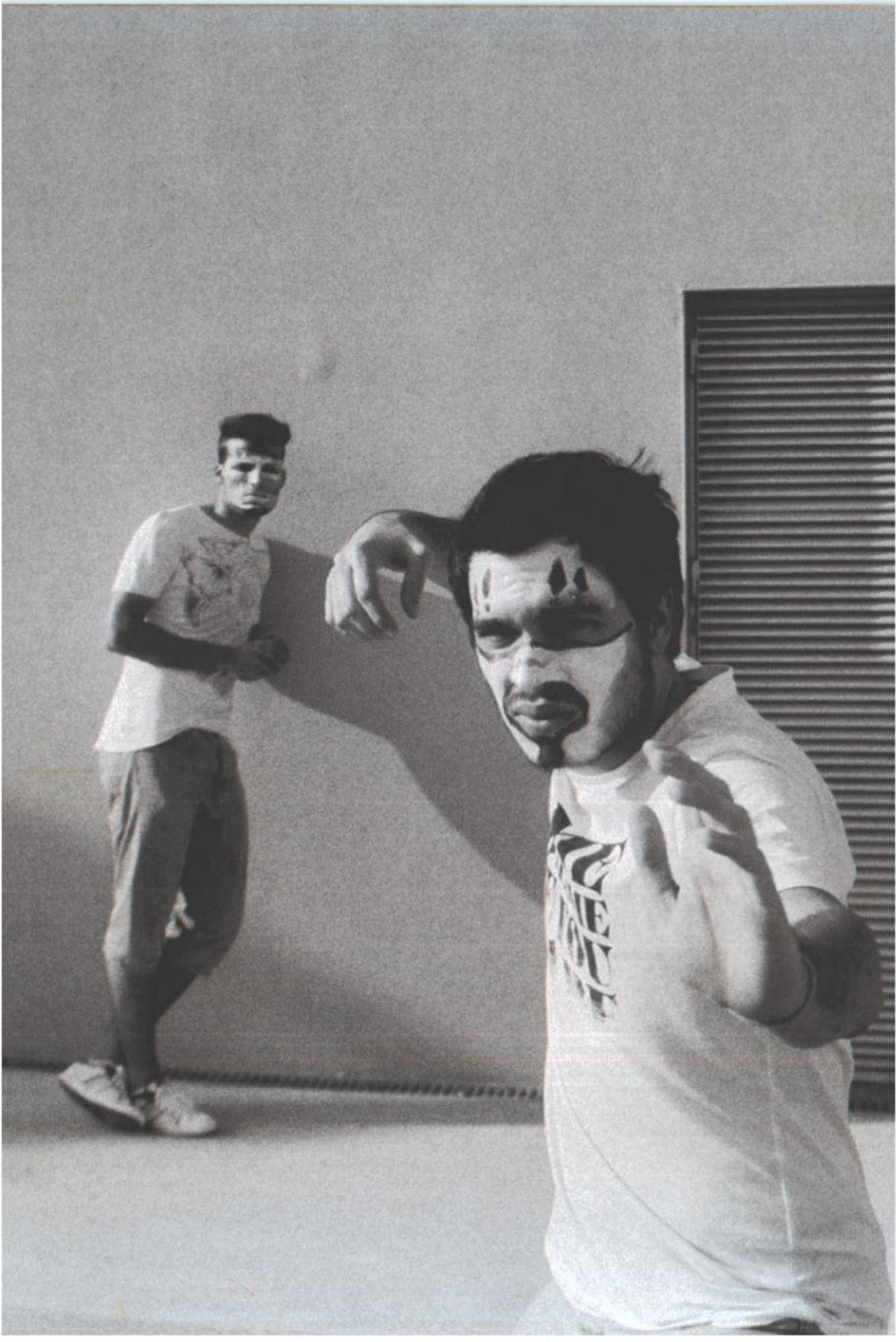
Pode parecer um pouco tétrico para vocês, mas se repararmos bem, são questões que colocamos no dia -a- dia.

Está bem. E perguntam vocês: "Está bem o quê?". Eu explico-vos. Os cientistas sabem a definição de Vida e de Morte. Explicação? " A vida é quando, por exemplo, uma mãe está grávida. Tem Vida dentro dela. Vida existe quando um ser é gerado. E Morte é quando o coração, o nosso órgão principal, deixa de bater." Se acharem isto uma explicação plausível, cá na minha opinião, estão enganados. A Vida acaba quando nós deixamos de AMAR.

Ou seja, nós dependemos, na minha opinião, do amor. Sem amor, não há vida. Como é que um filho é gerado? Com muito amor e carinho. Como é que um filho é criado? Com muito amor e carinho, pois se o odiarmos, não há vida, na minha opinião.

"Porque é que tu existes?- disse a tristeza ao amor. Ele responde:

- Eu existo porque sirvo para limpar as lágrimas que tu geraste de outro amor".



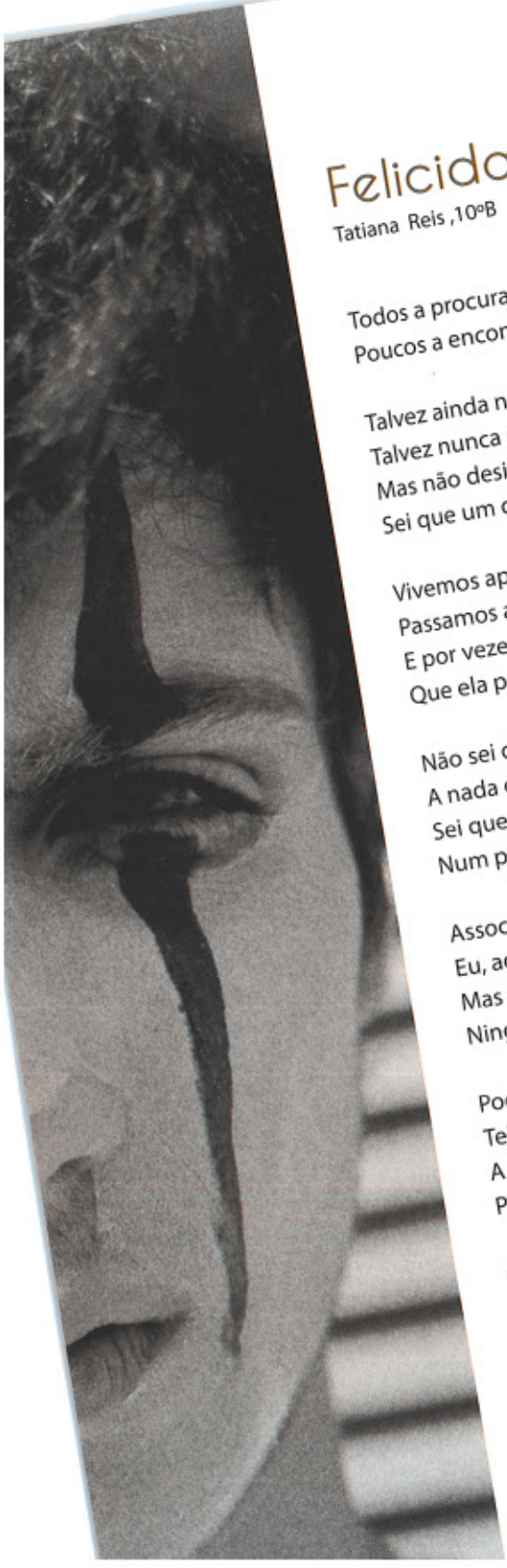
ESCALÃO

Poesia e Prosa

Primavera

Eugénio Khomych , 10ºB

A primavera está quase a chegar,
Há quem não repare, mas está tudo a mudar.
No inverno estava tanto frio que eu tremia.
Mas na primavera chega a alegria.
O outono, para mim, já é frio e desolação.
Já a primavera, aquece o coração.
Muitos, ansiosos, esperam por ela.
Esperam as flores, o canto dos pássaros
E o brilho do sol que me bate à janela.
A primavera é tudo para mim.
Gostava até que não tivesse fim.
É curta e rica,
Se fosse pessoa seria com certeza magnífica.
A primavera é tudo isto e …



Felicidade

Tatiana Reis ,10ºB

Todos a procuram,
Poucos a encontram.

Talvez ainda não esteja na hora,
Talvez nunca a venha a ter.
Mas não desistirei agora,
Sei que um dia posso vencer.

Vivemos apenas para a encontrar.
Passamos a vida a desejá-la,
E por vezes nem reparamos
Que ela pode estar ao alcance do nosso olhar

Não sei descrever tal sentimento,
A nada o posso comparar.
Sei que está num breve momento
Num pequeno olhar…

Associam-na uns a um sorriso
Eu, ao sol de uma manhã de verão.
Mas todos somos diferentes,
Ninguém terá a mesma opinião.

Pode ser cruel, por não querer vir,
Teimosa por não querer ficar.
A tristeza tem de partir,
Para ela nos visitar.

O que se sabe deste sentimento?
Apenas sei que vivemos para encontrar…
… a felicidade!

Poesia

Ana Paula Gonçalves, 10ºC

Poesia é tudo e é nada,
Lutar sem ter espada.
É viver com coração,
E afastar a solidão.

Poesia é a mais pura expressão.
São as palavras do coração.
É dizer tudo sem dizer nada
E caminhar ao longo da estrada.

Pura realização do ser
Dizendo tudo o que faz doer.
É amar sem viver
E pensar sem nunca adormecer.

Escrever é dar

Carla Faria 10ºC

ESCREVER é dar
Aos outros a conhecer.
O que tens na alma,
O que queres dizer,
Ou quando estás só,
E queres comunicar
Ou te sentes triste
E queres partilhar,
Ou quando a chuva cai
Ou o sol brilha
E queres dizê-lo,
Queres cantá-lo,
Ou quando tens fome
De espaço e infinito
E queres dizê-lo
Mas por escrito.
Pois não tens coragem
De o pronunciar,
De a falar o dizer,
Isso é que é ESCREVER.

A poesia como escrita

Bruno Rafael 10º C

Poesia é uma forma de escrever
Um pouco mais complicada
Noto que o tempo passa a correr
E eu ainda não escrevi nada.

Não gosto muito de poemas
Mas tenho que os escrever,
Quando a Professora impõe
É mesmo o que tenho de fazer.

Quando começo a escrever
Penso que vai ficar um grande embaraço
Depois ganho vontade,
E até gosto do que faço.

Para mim, ler poesia
Talvez seja informação.
Mas quando é para escrever
Talvez o faça mesmo, só por imposição!

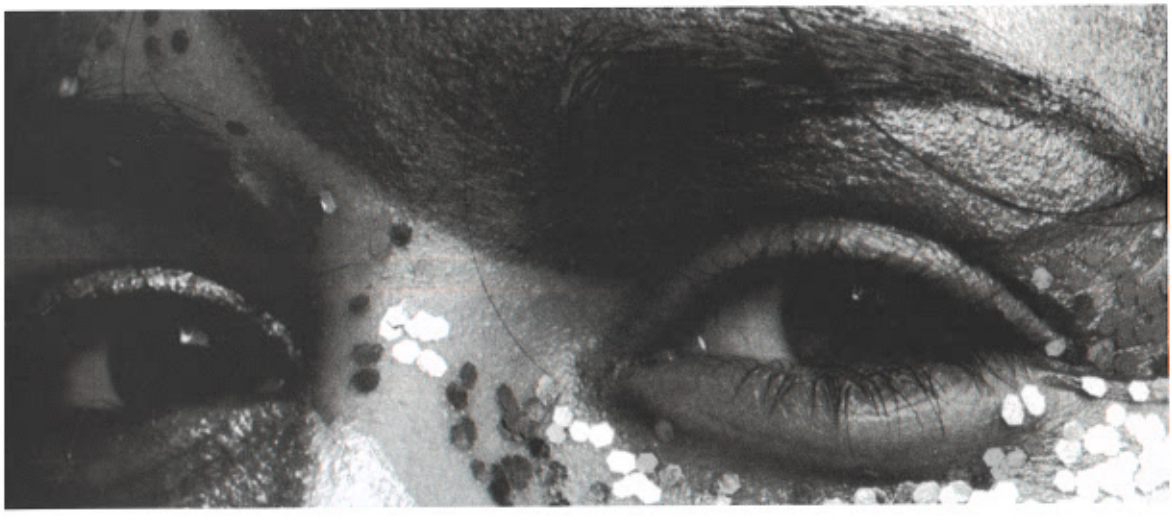
A arte de escrever

Cristiana Molho, 10ºC

Ser poeta é algo sem explicação
Algo difícil de definir;
É transmitir o que vai no coração
É correr sem saber para onde ir.

Para escrever é preciso coragem.
São raros aqueles que mostram os sentimentos
Aqueles que transmitem uma mensagem,
São poetas explodindo pensamentos.

A arte de escrever
É uma sensação que vem do interior
É mostrar a alegria do viver
Ou a sua tristeza e dor.



Ser poeta...

Mara Isabel Araújo Silva, 10º C

Ser poeta é ser tudo
Num só segundo,
É ser noite e dia
Como conta a fantasia.

Ser poeta é ter sentimento
Ter algo com cabimento
É ter tudo presente
E nunca deixar de estar contente!

Ser poeta é voar
E com as palavras dançar
É ter noção da realidade
É ter um pouco de liberdade

Para finalizar, devo acrescentar
Que poesia é um modo de pensar,
É uma maneira de crescer
E, sem dúvida nenhuma, aprender.

A chama da paixão

Ana Catarina Caseira, 10º E

Vermelho é a cor do meu coração
Cor do fogo, da chama da paixão
Cor da saudade
Quando te escapas da minha mão.

Os dias passam, a noite vem
Sem ti a meu lado,
Não sou ninguém.

Tal como uma rosa
Que para crescer tem de ser regada,
Para eu sonhar que o amor não acaba
Por ti tenho que ser mimada.

Amar!

Liliana Rosa, 10ºE

Quero chegar até ti,
Sentir o fogo do teu corpo
Que aquece o meu ser.

Iluminas o meu dia
Vejo rosas a crescer
És a minha fonte de luz!

A chama vermelha
Leva-me até ti
E alcanço tudo aquilo
Que sempre quis.

Posso queimar-me ou magoar-me.
Prefiro morrer de sofrimento
Do que ficar sem ti!

Queimei-me, magoei-me, enfim, morri!
De tudo isto eu não me arrependo
Morri por amor.
Morri por ti!

Paixão

Renata Silva, 10ºE

A cada hora que passa,
Sinto o meu coração a fraquejar
Preciso de ti,
Para me salvar.

O teu sorriso lindo
Exposto nesses lábios vermelhos,
Tão quente e avassalador
Como um jogo.
No dia em que te conheci,
A plenitude da vida alcancei
Senti-me inconsciente,
Desejava a perfeição.
Ofereceste-me uma rosa
O teu olhar cintilante apaixonou-me,
Regeneraste a minha existência.

A destruição, o amor soberano,
A impaciência dominadora, a insatisfação constante
A saudade permanente
Acaba com tudo o que é belo.
Não apagarei as tuas memórias,
Presentes em todo o meu ser.
Estarei contigo até anoitecer!

"Game Over"

Rui Santos,10º E

O tempo passa e eu fico a relembrar o tal dia,
A forma como sorrias para demostrar a tua alegria,
Tremeliques nas mãos e nervoso miudinho,
A forma como me acariciavas e me davas o teu carinho.

Tal como uma rosa, a vida tem espinhos,
De um momento para o outro acabaram os carinhos,
Sinceramente não sei o que se passou,
Que simplesmente tudo acabou.

A nossa relação foi um "game over", tal como num jogo,
Algum bombeiro jorrou água para o nosso coração e apagou o fogo,
Quando estava contigo sentia que o meu mundo era vermelho,
Encaixávamo-nos um no outro, como se tu fosses uma joaninha e eu o escaravelho.

Solidariedade

Arnaldo Fangueiro, 10ºD

Para ser solidário
É preciso saber respeitar.
É necessário o diálogo
E deixar-se levar.

Ajudar o outro
Por dentro provoca um sorriso
Viver em sociedade,
É algo que é preciso.

Todos precisam de ajuda,
É sempre bom apoiar.
Sozinhos nesta vida,
Não precisamos de estar.
Ajudar quem necessita,
Sem olhar a cor, religião ou idade.
Sem olhar a preconceitos,
Todos temos o dever de ajudar.

O amor num poema

Arnaldo Fangueiro, 10ºD

Procuro lá no fundo,
Uma razão para não te amar,
Mas quando olho para ti,
O amor acabo por confirmar.

Não sei porque o faço,
Se ainda nada fiz.
Tenho que por ti lutar,
Desde o início que te quis.

Neste momento sinto fraqueza,
Não consigo combater.
Quero lutar por ti,
Mas tu fazes-me sofrer.

Estou a preparar-me,
Ainda há-de vir
O dia em que te vou ter,
E vou fazer - te sorrir.

Esta promessa eu faço,
Desta vez não me vou acovardar,
Vou lutar por ti,
Para no teu coração morar.

Tribunal dos amores

Cristiana Neves, 10º E

No mais profundo do meu ser,
Alcancei a felicidade,
Que a ti irei dever
Para toda a eternidade.

Sossega coração, não desesperes,
Aprende que o amor é surreal,
E se amares de verdade,
Descobrirás o fundamento desta realidade.

A ti e por ti tudo alcancei,
Abri meu coração e a ti o entreguei
Subi ao mais alto pedestal
E dele me atirei.

No tribunal dos amores,
Minha sentença foi revelada,
Apanhei pena máxima:
Ser por ti sempre amada!

Se Calhar...

Rui Santos, 10º E

Se calhar assim começo,
Se calhar assim acabarei,
Se calhar de incerteza,
Se calhar nem eu mesmo sei.

Se calhar tem várias interpretações,
Se calhar até nem tem!
Se calhar depende das situações,
Se calhar não olha a quem.

Se calhar, expressão livre,
Se calhar, não aparece no dicionário,
Se calhar, é mesmo importante
Se calhar, consta do meu vocabulário.

Se calhar assim termino,
Se calhar fiquei sem imaginação,
Se calhar, estarei cansado,
Se calhar, agradeço a vossa atenção.

À minha volta

Nuno Silva,10ºH

Como os dias são sublimes
Quando o sol mostra a sua beleza.
Estendemos o tapete vermelho,
Para agradecer à mãe Natureza.

Quero encontrar um sitio,
Ideal para me sentar.
Poder ter sombra,
Debaixo de uma árvore quero estar.

Criminosos destroem o planeta,
Outros combatem para o proteger.
Temos que unir forças,
Para todos conseguirmos sobreviver.

Inês

Miguel Ribeiro, 10º N

Escrevo por palavras
O que não te consigo dizer.
Amo-te muito,
Não te quero ver sofrer.

Nesse cabelo loiro acastanhado,
Onde o luar brilha e pestaneja.
Neste mundo enfeitiçado,
Sou aquele que mais te deseja.

Procuro no horizonte
Palavras esquecidas, palavras
perdidas.
Procuro desesperadamente
Cura para as minhas feridas.

Felicidade do passado,
Angústia do presente.
Só espero que no futuro
Me ames eternamente.

Comparo tudo o que flameje
Com o teu beijo.
Quanto mais arde,
Mais o desejo.

Da ondulação do teu corpo,
À brisa do teu olhar,
Quero ficar contigo
E por isso irei lutar.

Quando a música toca,
Tudo parece distante.
A alma evapora
E tudo fica sufocante.

O doce sabor amargo dos teus
lábios
E cada lágrima sentida
São dois corpos molhados
És a mulher da minha vida!

Invalidez precoce

Inês Giesteira , 11ºC

Continuo a tentar
Mas não consigo explicar
Não há pior sensação
Do que a dor de coração

Um corpo pálido
Outrora trabalhador
Agora inválido
Repleto de dor

Passa mais um dia
As memórias, apagam-se lenta
mente
Aumenta a agonia
Envelheço rapidamente

Eras tão importante
E nem do teu nome me consigo
lembrar
Sinto-me insignificante
Não o consigo evitar

Já não sei quem sou
Vejo um rosto no espelho
Nem sei onde estou
Sinto-me fraco, velho

A minha hora está perto
Tenho de partir
Não sei se estou certo
Mas um lugar melhor há -de vir

Se pudesse falar
Diria obrigada
Por manteres a cabeça erguida
Eu não teria aguentado

Revoltado com a vida
Só assim me posso sentir
Com uma grande ferida
Não há como mentir

Antes de me ir
Quero-te agradecer
Podias fugir
Mas escolheste permanecer

Despeço-me assim
Agradecendo todo o teu amor
Agora que já estou no fim
Ter-te perto de mim faz-me
esquecer a dor

Fado

Sofia Brito, 11ºG

Tenho dias assim.
Em que a saudade aperta
E o concreto escorre
Por entre rios de ternura,
Amor,
Melancolia,
E um toque de jasmim.

Tenho dias assim.
Em que a vida nada mais é
Do que o doce vagar das ondas.
Assim calma,
Assim gentil,
Assim vazia.

Tenho dias assim.
Em que o tempo nada mais
parece
Do que a areia que,
Numa paciência virgem,
Obedece à atracão da gravidade.

E o presente entristece.
Por isso se traçam planos
absurdos,
"Do futuro virão mundos e fundos!"
E a esperança parece que renasce.

Tenho dias assim.
E não me resta
Mais que a poesia,
O vagar do tempo,
Olhos postos no outro dia
E, até lá,
Coração congelado.

Em cima do estrado,
Fica pois a fadista,
Com seu gemido medonho.
E no dia seguinte,
Paira ainda a melodia da guitarra,
Triste,
Frágil,
Longínqua,
Ou o que em costume
Resta das memórias
De um sonho.

Mar

Vanessa Cruz, 11º I

Mar puro e frio da minha infância,
Como tuas ondas amo ainda
Como me acalma o teu lento divagar
Tal como o teu bramir me anima.

Mar limpo que se espalha
Como orvalho no ar,
Às vezes só me apetece chegar a ti,
E em ti, mergulhar…

Como sabe bem abrir a janela,
E ver-te meu velho amigo!
O teu cheiro entra pela casa,
O teu som e a tua cor espalham-se no sentido.

Ah, como és lindo, claro e profundo
Ah, como os teus braços cobrem a terra, a areia e o ar,
Ah, como me cobrem a mim,
Como acabam por me abraçar!

Meus sentidos a ti se rendem e
Só a ti respondem, Ah, lindo mar azul,
Onde vivem sonhos e sereias
Onde tesouros se escondem, onde a cor,
Raramente é constante.

És verde, azul com branco,
És grande e fazes ouvir teu pranto
Ah meu amigo mar, minha mãe Terra
Ser filha de vossa junção meu sonho era,
Ser areia quente e espuma do meu velho
E pai amigo, Mar.

Para fazer poesia

João Matias, 11ºJ

Para fazer poesia não é preciso rimar!
Basta falar.
Usar a imaginação,
Para além do coração.

Quando escrevo poesia,
Dizem que minto.
Mentira! Apenas finjo.
Para além da minha Razão…

Eu apenas imagino.
Brinco com as palavras,
Fantasio sentimentos mudos,
E ouço beijos surdos.

Poesia é isto?
Poderá ser…
Que confusão!
Que poema irei agora fazer?

*poema dedicado a Fernando Pessoa

Duplicidade

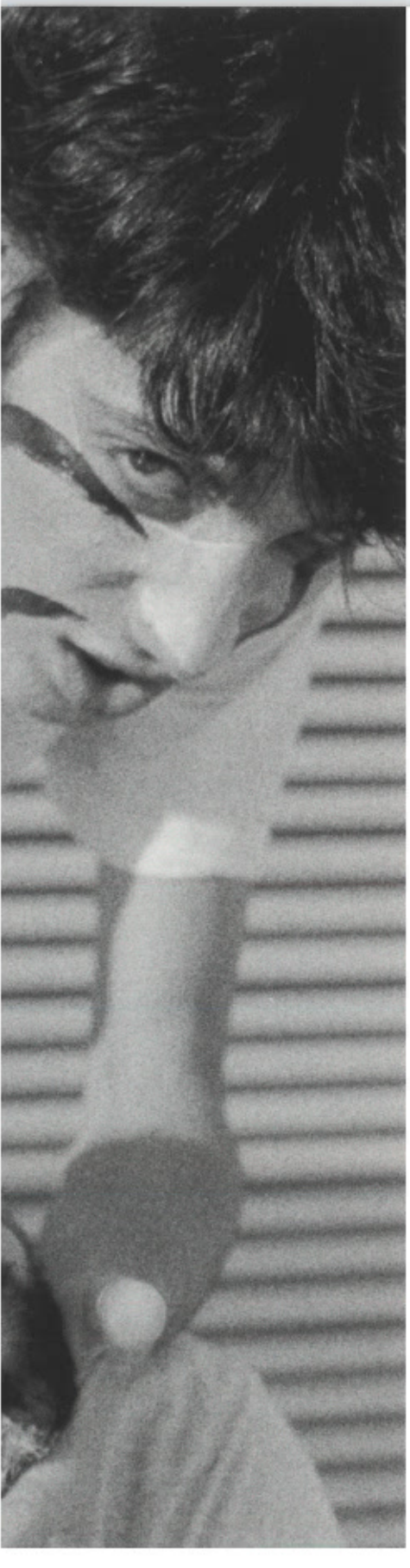
Andrea Morozan, 12ºG

Sou jovem mas velha ao mesmo tempo,
O que levo por fora não é o que tenho por dentro
Sou fogo que queima água ardente
E a água que apaga o fogo quente.

Sou triste quando sou feliz,
Só sou alegre quando choro.
No palco da vida sou actriz,
Levanto-me depressa, depressa morro.

Sinto o fogo que me acalma e arrefece,
No mais profundo pensamento.
Sinto que o frio me irrita e aquece,
Quando me atiro a voar contra o vento.

Por fora sou enérgica e fria,
Jovem mulher a florescer.
Por dentro arde a parte velha,
Que canta devagar, até morrer.



Somente só

Tiago Lopes, 12ºF

Oh caminho irresistível!
Dominas-me a vida, domina-te a solidão.
Solidão estranha.
Solidão acompanhada?

Caminho-te só.
Caminhamos-te sós.
Juntos e sós, somente sós.

Estarei só?
Se partilhas comigo este caminho, como estarei só?
Só de necessidade.
Só de esperança.
Só de desejo.
Oh solidão minha que me dominas o caminho.

Necessito-te, Esperanço-te, Desejo-te.
Deixas-me só neste caminho.
Caminho este que partilhamos.
Separados mas juntos.
Sós.

Quero luz!

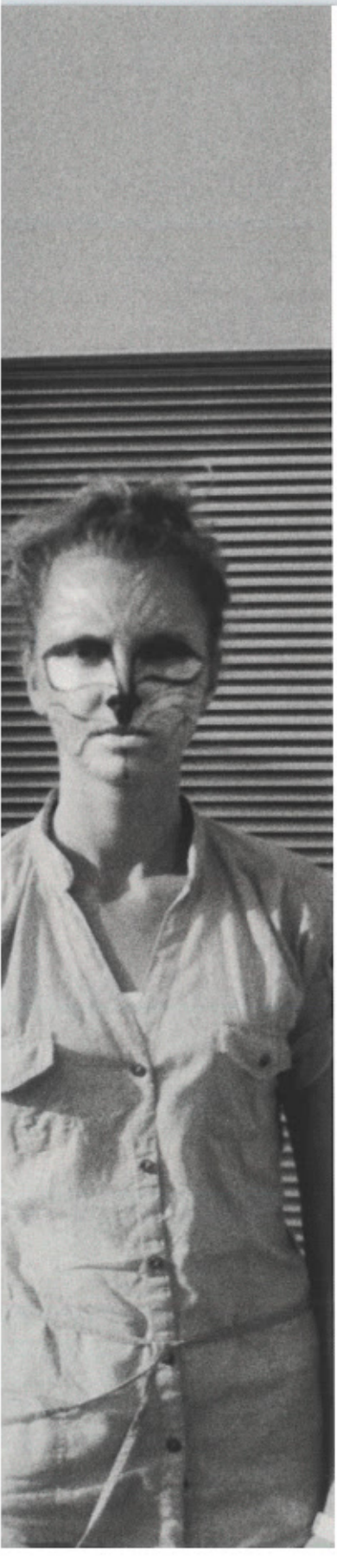
Tiago Lopes, 12ºF

Está escuro aqui.
Não vejo nada com tamanha desordem.
A angústia e a confusão do meu íntimo cegaram-me.

Quero ver!
Quero libertar-me de tal desordem interna.
Quero tranquilidade, quero paz, quero luz!
Está escuro aqui!

Vem ter comigo!
Dá-me forças!
Despromove-me desta confusão angustiante,
Liberta-me desta confusão sobressaltada,
Dá-me luz!
Entrega-me a tua pureza.
Clareia-me a alma,
Para que consiga ver para além deste meu mundo caótico.
Está escuro aqui!

Alma confusa, alma cega.
Oh tranquilidade que tanto anseio!
Vem ter comigo e veremos.
Veremos esse nosso mundo clareado.
Repleto de paz, repleto de…
Luz!



Ser atleta

Maria Luisa,12ºJ

Ser atleta é tentar descobrir o seu limite
Procurar superá-lo a cada instante.
O principal não é vencer todos os dias
Mas lutar constantemente.
Unir-se é um bom começo
Manter a união é um progresso
e executar em conjunto é a vitória.
Todos os grandes sonhos
Atravessam momentos difíceis
Mas nunca desistas do teu
Por mais difícil que seja,
Por mais inalcançável que penses que é
Persiste e luta!
Pois, o maior prazer na vida
Consiste em fazer aquilo que os outros dizem
Que não consegues fazer.

Não és derrotado quando perdes,
És derrotado quando desistes.

Quanto maior for o teu desejo de vencer,
Maior será a tua força para lutar!
Quanto mais difícil for a batalha,
Maior será o prazer em vencer!

Escrever...

Ana Luisa Cadilhe, 10º C

Escrever... para muitos uma obrigação, mas para outros, uma libertação.

Será possível libertar a mente e a alma com apenas um lápis e papel? O papel é capaz de ser o melhor confidente, não mente, não trai, não se queixa e está sempre presente.

Mas o que seria do lápis e do papel sem as palavras?

As palavras são a "porta" da nossa mente. Elas permitem que os nossos pensamentos viajem pelo mundo.

No entanto, se pensarmos bem, de que servia isto tudo sem o Homem? É ele que pensa, que fala, que escreve, é ele que faz a arte! E poucos são os dotados deste talento.

Eu, por exemplo, posso dizer que esta arte é muito instável em mim. Raramente escrevo e é muito difícil gostar do que escrevi. Penso que isto acontece porque é estranho libertar-me num papel ou, simplesmente, porque não nasci para isto.

Porém, muitas pessoas não partilham do mesmo problema que eu, felizmente.

Escritores como Fernando Pessoa, Eça de Queiroz, Camões, José Saramago e muitos outros, conseguiram transformar as suas ideias em algo extraordinário e mágico.

E, tal como disse Voltaire um dia: "A escrita é a pintura da voz".

Emoções

Joana Coelho, 10ºC

Poesia é pensar além,
Transmitir e decifrar o coração,
Ver o que os outros não vêem
E nada é como o que ouves na televisão.

Ao vermos um quadro de Picasso ou ao ouvirmos uma música de Mozart, conseguimos ver e sentir o que está por detrás daquela arte, aquilo que o pintor ou o músico nos quis demonstrar, ou o que nós conseguimos imaginar.

A poesia assemelha-se à música ou à pintura ou até mesmo à dança, no entanto há algo que a torna muito especial. Nesta arte, qualquer pessoa que leia um poema vai senti-lo de forma diferente, de acordo com a sua vivência, o seu estado de espírito e a sua personalidade. Nós não sentimos aquilo que o poeta sente, mas sim, outras emoções que são "retiradas" da escrita através da nossa leitura.

Talvez seja tudo isto que torne a poesia num dom tão único e que se pode elevar a qualquer pessoa.
Poesia é magia.

Ser poeta

Orlando Carriço, 10ºC

Ser poeta é ser capaz de expressar os sentimentos pela escrita deixando sempre o leitor na dúvida sobre o sentido do que está a ler e, por isso, cada um interpreta à sua maneira os sentimentos e as sensações que o poeta lhe poderá transmitir.

A poesia é como um livro que vai sendo folheado. À medida que o vamos lendo vamos conhecendo, agindo e sentindo consoante a nossa identidade e personalidade.

Os sentidos que a poesia de cada autor toma, variam mas é certo que todos os poemas apelam aos sentimentos do leitor.

A arte de escrever é muito complexa e, como tudo na vida, varia consoante o pensamento e a sensibilidade do escritor.

Ser escritor é uma profissão algo ingrata, pois nem sempre se tem o reconhecimento merecido devido ao facto de se estar sujeito às diferentes possibilidades de interpretação de cada ser humano.

O ser humano escreve de modo a libertar-se da vida em sociedade e das suas rotinas. A escrita é um medo de ser livre e, assim, dizer o que lhe vai na alma. Essa liberdade vem do medo de como cada um encara a vida, enfrenta e ultrapassa os seus dilemas. A escrita é um refúgio para todos enquanto manifestação dos seus sentimentos.

Carta a Beatriz

Gonçalo Magalhães, 10º N

Póvoa de Varzim, 22 de Novembro de 2011

Beatriz,

Diante dos meus olhos desenham-se os contornos da cidade da Póvoa. Prédios gigantes que me tapam a vista magnífica, para o oceano azul cristalino. O seu toque irracional faz do nascer do sol um dos mais bonitos alguma vez vistos (...) Quando dou por mim, já é o fim do dia.

Habitualmente, saio cedo e passo por casa do meu tio, que vive sozinho. Subo até ao seu apartamento, de onde disfruto de uma vista deslumbrante para a praia. O passeio fica mesmo por baixo. Foi aí que eu te vi pela primeira vez.

Diante dos meus olhos vejo-te a caminhar com o cabelo ao vento e de auriculares nos ouvidos. Não te apercebes mas és Única num mundo real em que as pessoas são irreais e imperfeitas. És a Tal agulha do famoso provérbio, todos te cobiçam mas tu a ninguém pertences.

És quem me motiva. És o nascer e o pôr-do-sol.

Diante dos meus olhos és descontraída; tens um sorriso magnífico, uma pele fina e macia como um cristal puro. Não tenho coragem de falar dos teus olhos, apenas pelo facto de que, são preciosos demais para serem divulgados em público. Confesso-te que até mesmo eu, que tenho uma obsessão por ti, não te consigo olhar olhos nos olhos, com receio de cair na tentação de te falar.

Não te dirijo a palavra, porque prefiro ficar na ignorância! Assim eu sei que posso continuar a "falar" contigo, sem medo que me recuses. Por outro lado, nunca chegarei a ver as estrelas cadentes para pedir o teu desejo e agradecer o facto de existires.

PS: É assim que eu te vejo. Esta é a carta que eu nunca te escrevi.

A força da poesia

Inês Aguiar, 10ºM

- Ana? Mónica? Jéssica? Meninos? – Gritava eu, já quase sem fôlego.

As minhas mãos foram tateando aquelas paredes húmidas, com cores de podridões, sem saber ao certo o que esperava encontrar. Olhei novamente ao meu redor, mas nada se tinha alterado. Encontrava-me num lugar sinistro, mergulhada na escuridão que me trespassava como uma lança afiada pronta a matar.

Inesperadamente, o som de água a escorrer delicadamente por entre as rochas catapultou-me para a realidade. Tinha de encontrar uma saída e, todavia, a minha coragem foi-se desvanecendo. "E se estiver alguém ali que me queira fazer mal", "Eu deveria voltar para trás, os meus amigos devem estar preocupados" – estes pensamentos invadiram-me a mente.

Comecei a suar, o meu coração descompassou-se e um sentimento de receio e agonia apoderou-se de mim, quando ouvi uns sons indecifráveis seguidos de uns gritinhos estridentes. Encolhi-me instintivamente. Suspirei e continuei o curto caminho que me separava daquele lugar, porém, desta vez, de forma insegura. Espreitei por entre os inúmeros arbustos e fiquei embasbacada com a belíssima paisagem à frente dos meus olhos. Havia uma cascata onde corria água de um azul transparente, ladeada por um enorme jardim multicolor.

Permaneci vários minutos a observar aquele cenário arrebatador, sem forças para continuar a minha visita àquele paraíso na terra. Tão rápido como um trovão surgiu-me uma ideia à partida disparatada e sem nexo.

- Será que atrás daquela enorme cortina de água se encontra alguma espécie de tesouro? – Interroguei-me. Contudo, logo de seguida soltei uma valente gargalhada, pensando no quanto patética soei.

Os meus pés ganharam vida própria e sem eu ter autorizado encaminharam-se para aquela cortina de água. Com uma pontinha de esperança atravessei-a. Tive a sensação de estar num sonho.

Ali estavam inúmeras pilhas de vetustos livros muito valiosos. Sorri e em passo apressado dirigi-me à primeira pilha de livros, peguei num e rapidamente soprei o pó que o cobria. Era um livro de poesia do século XIV. Abri-o e entreguei-me de corpo e alma a uma das minhas paixões – a leitura.

Permaneci durante horas e horas naquela ampla e húmida sala. O resto do mundo desapareceu, só havia eu e aqueles livros.

Memórias eternas

Inês Giesteira, 11ºC

Havia um tempo em que tu eras o todo em fragmentos espalhados desordenadamente pelo sopro do vento que me habita. Nada era mais sublime e doce que a tua imagem na parede espelhada da minha alma de onde eu te olhava onde quer que estivesse.

E nos recantos da minha memória entre o ontem e o agora, eu ainda te vejo, mesmo sabendo que já lá não estás e que o sopro que havia outrora se dispersou como névoa de um Outono sobre folhas secas caídas nas ruas.

Trago em mim, ainda, a sensação dos teus braços abraçando-me, sinto o cheiro do teu perfume e ouço a tua voz, mas sei que tu já não estás, porque o que fomos perdeu-se naquela tarde em que partiste.

Há uma dor que ainda dói, um poema inacabado, um caderno e uma caneta na mesa de canto onde te sentavas a divagar e de onde me olhavas a meio riso enquanto eu te contava aventuras.

Não sei se foi o tempo que passou ou se fomos nós, enquanto o tempo permaneceu, como a pedra da lápide fria onde agora jazes, em cujas bordas plantei flores e onde te leio os meus poemas de fim de tarde e, mesmo não vendo o teu olhar de ternura eu sinto que tu me ouves, porque foram feitos para ti..

O tempo parece ser agora feito de espera e aquela mesma névoa encobriu os meus dias tingindo-os de branco como a cor da tua ausência e do vazio dos anos. Sei que um dia nos reencontraremos na eternidade, então, até lá um beijo de saudade...

Inquietação

João Matias, 11ºJ

Talvez, deve-se falar contigo, mas estou com medo! Medo de ser repudiado, de não ser correspondido. Luto ferozmente contra o «monstro» invencível do medo, contudo, este ganha sempre; Porque será?

Estou tão confuso, sinto-me rendido ao cansaço, ou talvez, à tua presença. Sempre que te vejo, sinto-me embaraçado; sem rumo. E tu, beleza sem comparação, porque foges? Eu procuro-te, anseio-te e tu desapareces, porquê?

A minha Alma desfalece por não te ter, sinto sede do teu aroma, do teu sorriso, dos teus olhos claros como mel, das tuas palavras. Sinto que as palavras nervosas temem em sair da minha boca; não consigo colocá-las nas entrelinhas desta simples folha; se fosse a escrever tudo o que sinto por ti, nem um livro chegava para tanto amor.

Poderia afirmar que estou banhado de tal forma, que nem eu sei explicar o que sinto. O que sinto, já não é o que sinto. O que não sinto, passa a ser o que sinto. – Mas que incerteza, que paixão louca por ti; estou rendido à tua forma simples de agir; Porque será?

Sinto a minha reputação marcada, porque não tive a coragem suficiente para falar contigo; não tive a determinação de falar cara-à-cara. Poderás interrogar-te se estes sentimentos são efémeros. Porém, eu questiono; "O amor será efémero?". Perguntas-me porque te amo. Não sei… Só sei que te amo, amo-te com o verdadeiro e sincero amor, amo-te com amor, e só sei explicar assim, amo-te porque sinto amor. Sinto-me a atingir o auge da profundeza sublime do meu interior, do meu coração… Sinto que quero estar ao teu lado, e chega! Só quero sentir os teus dedos enlaçados nos meus, e chega!

Porém, eu questiono-me "Será que a minha Musa irá alguma vez perceber o que sinto?" Talvez. Sabes, eu só escrevi isto, porque te amo; e não encontro outra razão, amo-te! Não te peço que aceites, apenas recorda estas palavras!

Quero-te ter tão perto, para sentir o calor dos teus braços, quero chegar junto a ti e dizer-te: "Amo-te. Terás coragem para partilhar a tua vida comigo?"

Pedaço de um diário

Luís Sá, 10º M

Póvoa de Varzim, 8 de Abril de 2010

Após um dia cinzento e de silêncio, chegou finalmente o único momento em que me abstenho da realidade amarga e vivo verdadeiramente.

Hoje, com 25 anos, sem estudos, sem nada e à procura de emprego, vivi mais um dia como tantos outros, mas com uma pequena particularidade. Mais do que qualquer outro dia, senti e apercebi-me do que é a realidade da vida.

Vagabundo como sempre, estava sentado num dos bancos da Praça do Almada, quando a certa altura, se aproximou de mim um homem de alguma idade e de aparência semelhante à minha e me disse:

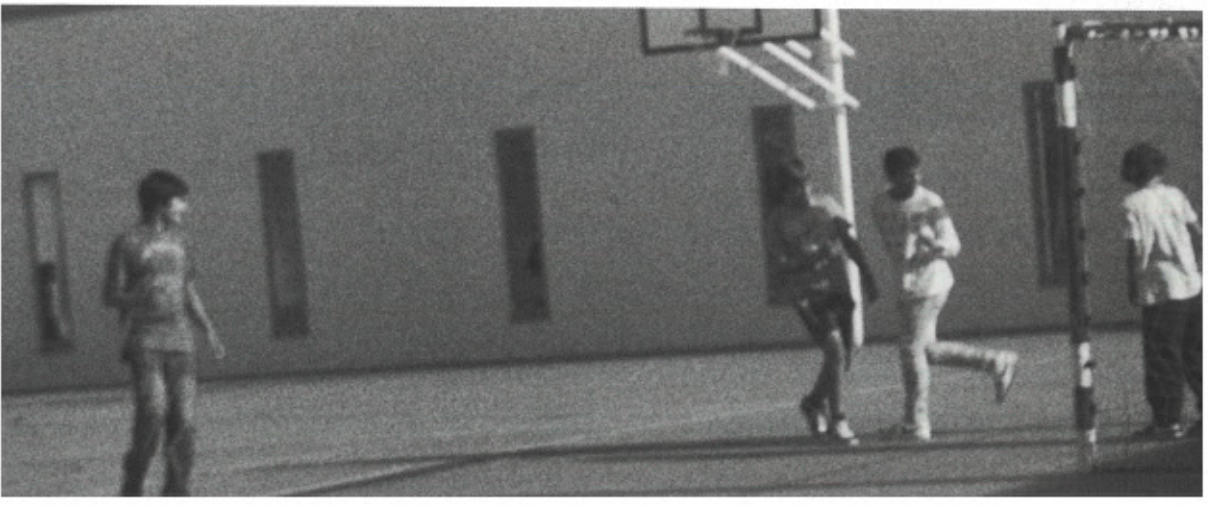
-A vida é demasiado longa para ser vivida em poucos momentos. Aproveita a vida enquanto és novo, porque quando chegares à minha idade talvez possas estar na minha situação.

Após ter ouvido este velho "bobo", comecei a vaguear pela praia, caminhando sobre a areia, até chegar a uma discoteca à beira mar. Por trás, uma grande quantidade de rochas, desgastadas pelo constante embate das ondas.

Sentei-me numa rocha, precisamente a que ficava mais longe de terra firme. Ali fiquei sentado naquele lugar maravilhoso, a observar o vaivém das ondas, a sombra dos peixes que apareciam e desapareciam, a cor do oceano, as pegadas na areia, enfim, a paisagem que me rodeava.

Ali permaneci algum tempo que significou prazer, liberdade, felicidade...

Regressei a casa com vontade de pegar em ti, meu querido diário, mas ainda estou a pensar nas duas frases, agarrado a este pedaço de papel.



Uma questão de valores

Adolfo Serrão, 11ºN

Nos últimos tempos tem sido notícia a crescente taxa de mortalidade em Portugal. Este flagelo tem afetado sobretudo os idosos que, sozinhos e sem dinheiro para tantos medicamentos, vão sucumbindo devido ao frio e a doenças sazonais comuns, como a gripe. Alguns destes óbitos têm sido escandalosamente constatados algum tempo depois por um ou outro vizinho mais atencioso.

O número de idosos que vivem sozinhos ou que são abandonados em hospitais ou em lares no nosso país vem aumentando gradualmente. Isto preocupa-me e faz-me questionar o papel dos idosos na nossa sociedade. Para muitas pessoas, infelizmente, estes constituem um fardo, uma inutilidade e é mais fácil deixá-los em hospitais ou lares. São muitos os filhos que abandonam os pais quando estes chegam à velhice como que se esquecendo que foram essas pessoas que os criaram, educaram e apoiaram nos bons e nos maus momentos da vida. A mentalidade atual é que os idosos não têm utilidade. O que, provavelmente esses filhos que abandonaram os pais agora não imaginam, é que, um dia mais tarde podem ter o mesmo tratamento por parte dos seus próprios filhos. Imaginem como se sentirá um pai ou uma mãe que durante toda a vida deu o seu melhor em prol dos seus filhos ao ser abandonado por eles na fase da vida em que mais precisava. Estes abandonos demonstram uma total ingratidão.

Noutras culturas as pessoas com mais idade são profundamente respeitadas, são consideradas sábias, experientes e cultas. Penso que é importante que as gerações futuras olhem os idosos dessa maneira de modo a poderem aprender com eles, retirar lições de vida da sua própria experiência.

A nossa sociedade contemporânea denota, com estes tristes exemplos uma grande falta de valores éticos e morais. Vivemos num mundo onde impera a lei do mais forte, num mundo de egoísmos, individualismos, egocentrismos. A família, de um modo geral, é colocada em segundo plano. Em tempos de crise, em vez de se estimular a união, passa-se exatamente o contrário. Esta é a maior crítica que posso fazer à sociedade portuguesa.

Todos deveríamos ter uma velhice feliz, rodeados das pessoas que mais gostamos. Depois de tantos esforços e sacrifícios feitos ao longo da vida, o mínimo que se exigiria era podermos usufruir do crepúsculo da vida com o maior conforto e tranquilidade possíveis.

É nosso dever, como jovens de hoje e adultos de amanhã consciencializar a sociedade civil para a importância do idoso, idoso que deve passar a ser reconhecido como fonte de sabedoria e não como "velho inútil e acabado". Assim conseguiremos, um dia mais tarde, disfrutar da paz e da harmonia junto dos nossos entes queridos.

Georgia O'Keeffe, Escada para a Lua, 1958

Escada para a lua

Abílio Morim, 12ºF

No geral, a imagem parece representar a ascensão, a transcendência, a evolução; o Homem entre o mundano e o espiritual num contexto de solidão, mostrando assim o seu possível caráter solipsista. O Homem tenta através do que possui, evoluir e ultrapassar todos os obstáculos e ir de encontro ao desconhecido que chama a sua atenção.

Analisando cada particularidade da imagem vejo: a escada, sendo o que capta mais a atenção, e o único objeto, cujo fim é utilitário, é humanizado- não é vista como pedaços de madeira encaixados uns nos outros, mas como algo distinto que não se limita a ser uma mera "coisa", mas com um fim utilitário criando uma "imagem" própria, associada ao homem, sem o qual não existiria como existe - remete para a ideia do lugar do ser humano. O facto de a escada não estar presa ao chão remete para a ideia de "elevação do espírito" de que todo o ser humano é capaz naturalmente, e que faz com que seja distinto dos outros animais.

A escada tem um início e um fim; o início poderá representar o começo do desenvolvimento do ser humano e a sua afirmação como indivíduo; o fim delimita o seu potencial, lembrando-nos que existe materialmente apesar de tudo, ou seja, indica a impossível transcendência. O facto de ser o único objeto - e assumindo que é uma escada para uma pessoa utilizar - chama a atenção para o lado individualista do ser Humano que, sendo um ser social, implicado em relações de interdependência e integrado numa cultura, existe por si só com uma noção de identidade, de ser ele próprio e que, através desse caracter pode, num tal solipsismo "ascender aos céus" e não se limitar à realidade/objeto.

Já as montanhas, sendo constituídas por rochas, e estas sendo algo duro, dão a ideia de matéria, aquilo que existe materialmente, ou seja, a realidade mundana.

Finalmente, a Lua apresenta-se como a última a ser avistada, não se podendo ver o que está acima dela, remetendo, mais uma vez, para o impossível escapar da "alma" humana.

Elevar-se é ser um ser espiritual, num meio-termo entre a realidade material e a transcendência; é estar no céu, entre a lua e as montanhas. Nessa solidão o ser espiritual encontra-se na tranquilidade, na serenidade e no sonho, daí o céu na imagem, além de ser espaço, espaço para o crescimento…

Reflexão sobre Georgia O'Keeffe, Escada para a Lua, 1958

As múltiplas faces do real

Cláudia Barbosa, 12ºF

O enceto do real providencia a invenção rigorosa de outras propriedades que simultaneamente se tornam objetivas. Cada propriedade proporciona uma completa cidade em que as estradas tem sentido único ou estão proibidas de circulação. As regras impostas na cidade sucedem uma intensificação para garantir a sua existência. Os elementos da natureza não absorvem atenção, nem são escutados, apenas a presença da cidade traz o necessário para a verdade. Os indivíduos são o fundo de uma pintura sem lucidez em que o pintor evita repetições de identidades. A vida de uma cidade está fundamentada em apresentar o real para que, precisamente, exista a referência de igualdade. O tempo ultrapassa o vento sem ter qualquer encontro, nem qualquer salto brusco, utiliza a lentidão para roubar e defender-se. A observação realizada a uma cidade, normalmente causa certas dúvidas sobre alguns assuntos, no entanto, os vocábulos introduzidos são cúmplices ou reveladores e tornam o exterior numa conversa íntima. O real instala uma característica para resistir à verdade ou à mentira, assim, esta pode lembrar, esquecer, fazer pensar ou até sentir, sem que nada e tudo se tenha obtido. Em suma, o real aproxima-se de uma súbita inspiração e distancia-se de comparações reprimidas.

A incerta fixação

Cláudia Barbosa, 12ºF

Uma imagem tem a sua realidade, sem desconsiderar a subjetividade mediante uma observação. Embora a eficiência das gravuras seja um sentido estabelecido, a autêntica palavra determina naturalmente o simbolismo. Os elementos presentes na imagem não são os únicos que podem gerar condições e comparações, porém voltados para o inquieto, recapitulam a memória. Isoladamente, a lua indica expectativa em relação à obscuridade da terra e dependência. A escada personifica a idade através dos degraus e a sua largura e a sua matéria transformam-na em ténue e quebrável. O solo é irregular face a todos os fatores, o que confere o sentimento de confusão.

Claro que, por vezes, introduzimos passos que nem sempre estão na terra e outros não têm posição. No entanto, aqueles em que a flexibilidade é pequena e a alma é a influência tornam-se o desenvolvimento do pensamento para a aparição do real no mundo. Do alto descemos; em baixo estremecemos; em cima perdemo-nos, por isso, a disponibilidade é mínima, sendo assim, uma nova incerteza para o silêncio e uma contínua inspiração para o reconhecimento.

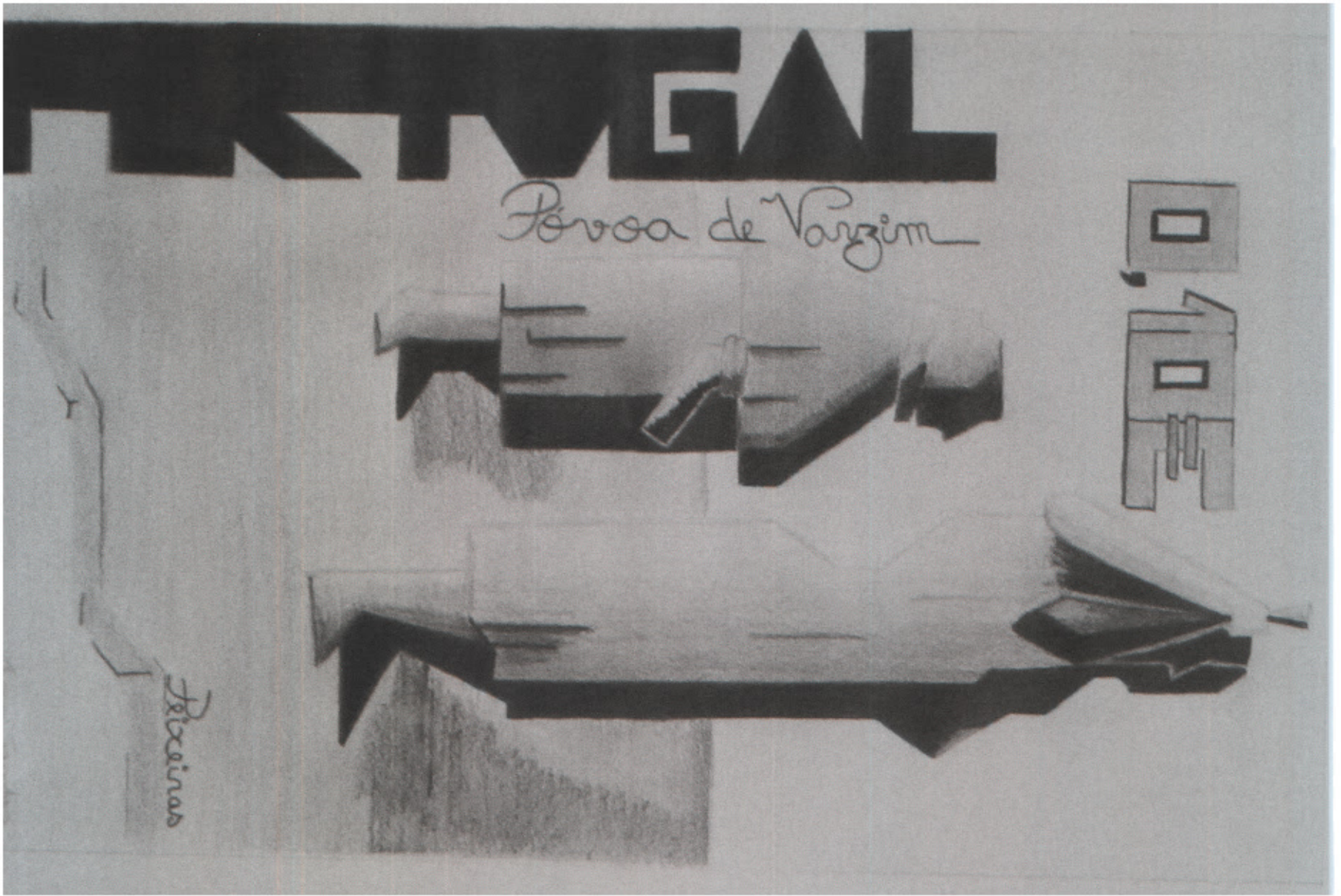
Em termos de objetividade, os pormenores da imagem sugerem uma complexa emancipação ou uma evolução indeterminada por parte de algum indivíduo. A compreensão objectiva dos observadores não é apenas uma conexão com a atualidade, mas uma identificação pessoal da figura e do próprio autor. Cada vocábulo salva a lucidez, não cancela a luz e o pouco que a gravura demonstra é insuficiente para o crescimento da mente.

Talvez tudo se resuma à mensagem, todavia o intimo "eu" desta está para além de um sonho. O intenso conceito de plenitude transforma a coloração e os elementos em cauterização. As figuras finalizam na mente, as escadas permanecem inacabadas para qualquer utilização, o solo praticamente absorvido e a lua impossível em cada instante de a encetar.

Reflexão sobre Georgia O'Keeffe, Escada para a Lua, 1958

ESCALÃO

Poesia e Prosa


PORTUGAL
Póvoa de Varzim
Rixeiras

Asas... Que me moldam...

Isabel Sofia Silva

Asas que esvoaçam em cantares livres ...
asas que me prendem...

Asas mágicas moldam-me,
entre vontades,
de poisar e de voar...

Voos entre batalhas
vitórias gratificantes,
desilusões...

Ondas que nos espelham,
mar que me identifica...
sou reflexo nele.

Reflexo,
que nos provoca e...
seduz na dança eterna

Numa montanha enigmática...
num mar revolto...
asas que me transportam,
na distância que nos prende em liberdade...
principalmente quando, por escassos momentos,
paramos e nos olhamos

Desenho-te na pele,
molhada de prazer...
mãos que me prendem,
asas... que me moldam

Esmeralda verde

Estela Fonseca

Acordou fora de horas, num lugar vazio, num extra de tempo que sente em soluços de pequenos intervalos e aos quais não sabe dar um sentido. E passa por si a vida ou qualquer coisa assim parecida, no correr do dia igual ao outro. Uma reta em que não vislumbra paz ou uma continuidade de mãos dadas no mar intenso, azul, do quadro que fica sempre incompleto na sua pintura das palavras impossíveis de dizer.

A casa é interrompida apenas pelo toque monótono dos ponteiros do relógio. Um daqueles dourados, quase barroco que até a pode transportar, quem sabe, em sonhos para uma valsa vienense. A máscara já lá está. O vestido deixa ver o decote de veludo onde pende o colar de esmeralda, de um verde sem esperança. E ela dança o ritmo rodopiante da valsa nos braços de alguém que a conduz na mesma sala. Outros rostos sem máscara olham-na, num sorriso rasgadamente irónico. Já não ouve o repisar do relógio de talha dourada. Habituou-se aos segundos iguais de todos os dias. E já não rodopia na valsa do momento de alguém perfeitamente definido. Tão definido como a cor dos seus olhos próximos de si e do corpo grande que a abraça de um só trago. A gaivota do início de tarde voou para longe. Ele tinha-lhe dito bem antes de ouvir a sua voz embargada, que até os pássaros que voam livres precisam de um ninho. E ela já não sabe mais para onde voar! Pesa o cansaço no seu corpo pequeno. Retira a máscara depois da dança. Nada é seu. A cama, o relógio, a areia, o mar, o pássaro que voa para si e regressa logo depois ao ninho. A cidade acorda na preguiça e ela deixa correr a água quente na alma dorida. Depois vai vestir-se de rendas e de pormenores femininos que preenchem o seu peito como carateres numa impressão a preto e branco. E o mundo gira e ela gira no mundo, um pivô que não sai do lugar, puxado e empurrado sempre para o mesmo sítio da esmeralda verde sem esperança.

Ser jovem e estudar .... na Escola Industrial e Comercial

Madalena Amaro

É sempre agradável recordar tudo aquilo que deixa no nosso íntimo uma grande satisfação, como é o caso dos meus tempos de estudante. A satisfação é ainda maior, porque sinto um enorme orgulho de ter pertencido à "elite" de alunos que inauguraram a nossa escola, denominada na altura, Industrial e Comercial, mas também conhecida como Escola Técnica.

Corria o ano de 1962 quando os alunos transferidos da escola velha, instalada na antiga fábrica do gaz, passaram o testemunho, transportando a sineta desse estabelecimento de ensino até à nova escola, onde ainda hoje permanece como símbolo desse tempo.

Nesse ano, começava então uma nova era para os alunos que, de um dia para o outro, deixaram aquelas instalações obsoletas e degradadas, para ocuparem uma escola com instalações de excelência.

Tinha doze anos e muitos sonhos a realizar!

O ensino de então era bem diferente do atual a começar na divisão de sexos, em turmas masculinas e femininas. A nossa escola preparava na altura os seus alunos em áreas tão diversas como: indústria, comércio, artes, formação feminina.

Recordo os dois anos do ciclo preparatório e a disciplina de Lavores na qual as raparigas eram preparadas para saberem executar eficientemente as tarefas domésticas. Entre outras coisas, lembro-me de aprender a bordar ponto de cruz, trabalho que fazíamos sentadas numas cadeiras baixinhas.

Portugal andava atrasado em relação aos restantes países europeus, obrigando milhares de portugueses a emigrarem, constituindo autêntica sangria na sociedade portuguesa.

Neste ano, em que a nossa escola foi inaugurada, a televisão era considerada artigo de luxo nos lares portugueses. Por isso, a crise dos mísseis cubanos ou a morte de Marylin Monroe passou-nos quase despercebidos! Em contrapartida, a Rádio exercia um forte impacto junto das populações, pois era através deste meio popular de comunicação que tínhamos conhecimento das novidades musicais, dos jogos de futebol ou dos folhetins radiofónicos. Por esta altura, surge Joan Baez e Bob Dylan na ribalta musical.

Seguiu-se a opção pelo Curso Geral de Comércio, que me preparava para o mundo do trabalho. Mas não só. Aqui, além das disciplinas de Português, Inglês e Francês, o curso tinha igualmente a preocupação de preparar as jovens para a vida prática de futura mãe e dona de casa. Foi o caso da disciplina de Economia Doméstica que, além da teoria, incluía também a culinária, com a obrigatoriedade de fazer exame! Foi aqui, que nasceu a minha aversão aos pastéis folhados.

Estes três anos de duração do curso, foram os anos da irreverência, do uso da mini-saia, da fuga às aulas para irmos à Feira dos Vinte de Janeiro a Vila do Conde, dos convívios nos passeios, dos namoricos e das paixonetas pelos professores mais jovens.

Recordo ainda com saudade as festas de Natal no ginásio em que participava o grupo de Canto Coral composto por alunas e dirigido pelo saudoso professor Antoninho Marta, não esquecendo as visitas de estudo, tão do nosso agrado.

Neste desfiar de memórias não podia esquecer o jornal escolar. Sendo porta-voz da escola, contribuiu para a divulgação das suas atividades e também para criar laços de amizade com outras escolas.

A escola na época, como ainda agora, recebia alunos dos concelhos vizinhos, sendo o de Vila do Conde, o mais numeroso, enchendo diariamente os autocarros da empresa Linhares, necessitando, quase sempre, da extensão de carreiras.

Com a Internet a anos de distância, era a Rádio, a Televisão ou os jornais que levavam a nossas casas os acontecimentos do dia. Ainda tenho bem presente alguns acontecimentos históricos como o assassinato do Presidente Kennedy, a guerra do Vietnam, a Guerra Colonial, acontecimentos tão nefastos para o mundo, incluindo Portugal. A Guerra dos Seis Dias entre árabes e israelitas suscitava acesas discussões entre as alunas, que viviam diariamente esses acontecimentos.

Nesse tempo, estudávamos com colegas ou sozinhas em casa, pois ainda não havia o hábito de se estudar nos cafés. Lembro-me de estar a estudar no meu quarto, enquanto, na vizinhança, alguém escutava na Rádio o relato de um jogo de futebol, que me despertou a curiosidade por ouvir gritar tantos golos. Era o Mundial de 66 e o jogo em questão Portugal-Coreia do Norte, cujo resultado ficou em 5-3.

Em 1968, ano em que terminei os meus estudos era assassinado Robert Kennedy, dois meses depois de Martin Luther King. A aterragem na Lua de três astronautas americanos foi um acontecimento seguido em direto por muitos portugueses através da televisão, obrigando essas mesmas pessoas a ficarem acordadas até madrugada. No entanto, os acontecimentos do "Maio de 68" em França passaram quase despercebidos à maioria dos estudantes portugueses, talvez porque a censura exercesse os seus tentáculos, filtrando a informação que chegava ao público.

A minha geração assistiu e participou ativamente em muitos episódios que atravessaram os anos sessenta, mas nenhum teve um impacto tão grande como a Guerra Colonial, afetando milhares de portugueses. Era rara a família que não tivesse um familiar tombado na guerra em África. Foram muitos os pais que nunca mais viram os seus filhos e filhos que nunca chegaram a conhecer o pai.

Cinquenta anos se passaram. Ao longo destes anos o Ensino Técnico formou alunos que vieram a ser profissionais competentes. Desta escola, saíram grandes talentos prontos a trabalhar em qualquer ponto do mundo, nomeadamente nos campos da Ciência e da Tecnologia.

A história desta escola faz-se também com os vários nomes com que a batizaram, começando por ser uma herança da Escola Primária Superior de Rocha Peixoto em 1919, passando ao longo dos anos por várias denominações, acabando por regressar ao seu patrono de origem: Rocha Peixoto.

Aprender!

Zeferino Correia - CNO

Aqui na Rocha Peixoto, em 78, havia uma Senhora muito sábia, muito exigente nos horários a cumprir mas que limitava muito o relacionamento de confiança que dava aos alunos. Ao segundo toque, ela já não tirava a falta se um de nós se atrasasse, e se ela se atrasasse, ainda no corredor, levantava o braço a marcar presença.

Esta professora era muito sóbria e muito eficiente no ensino. A Senhora transformava-se quando se envolvia na matéria. Era Professora de Português e falava d'«Os Lusíadas» como algo tão simples e tão bonito que todos ficávamos fascinados.

Éramos trabalhadores estudantes (entre os 18 e os 50 anos), mas envolvíamo-nos nesse espaço de tempo!

Mesmo retirando a antipatia que existia em relação à Senhora, as aulas eram momentos de culto, não se ouvia um ruido. Inês de Castro, Eurico o Presbítero, Eça de Queirós e António Nobre pareciam figuras que desfilavam à nossa frente, tal era a intensidade com que a Senhora apresentava a matéria.

Um dia, deu o segundo toque e ela não apareceu mas..., uns segundos depois, lá surgiu com o braço no ar e a correr. E todos nós nos retiramos, foi um conluio silencioso, mas creio que sentido. Vivíamos numa época de LIBERDADE, todos contidos mas LIBERTOS. Esta era uma pequena vingança da nossa parte.

De seguida, fomos para um café perto da escola, para aproveitar o tempo livre, pois estava uma noite de primavera. A Senhora entrou, sentou-se numa mesa perto de nós - o café era pequeno - e começou a ler um livro de Florbela Espanca, sem nos dar atenção. Ficamos defraudados, pois esperávamos alguma reação para nos justificarmos. No entanto, a Senhora concentrava-se na sua leitura. Todos ficamos calados, de olhos fixos nas suas expressões faciais e corporais. Apenas fazíamos, em surdina, comentários entre nós. Passado algum tempo, estávamos todos à volta da sua mesa e ela a dar uma aula sobre essa grande poetisa.

Numa época em que as conversas de café eram sobre política, em que existia uma certa "guerra partidária", essa noite foi de" amor e drama". O café esteve em silêncio durante todo esse tempo.

A Senhora não fez qualquer comentário sobre o sucedido à entrada da sala de aula.

O ano escolar continuou, a Senhora manteve a sua postura mas, entre nós, a antipatia que existia transformou-se em admiração. A única ocasião em que ela permitia a interrupção da aula era para comentarmos livros que lêssemos, sobretudo se fossem de autores portugueses.

Um louvor a essa Senhora que conseguia, efetivamente, envolver-se e envolver-nos na leitura, transmitir os seus valores e transpor essa grande fronteira que é entrar no mundo das palavras escritas e imortais.

Índice

03 Prefácio

ESCALÃO A - POESIA

07 Mãe
08 Quem é o poeta
09 Saudade
10 Poesia
11 Eterna amizade
12 Vida
13 A vida

ESCALÃO B - POESIA E PROSA

17 Primavera
18 Felicidade
19 Poesia
20 Escrever é dar
21 A poesia como escrita
22 A arte de escrever
23 Ser poeta...
24 Escrever...
25 O amanhã
26 A chama da paixão
27 Amar!
28 Paixão
29 "Game over"
30 Solidariedade
31 O amor num poema
32 Tribunal dos amores
33 Se calhar...
34 Á minha volta
34 Inês

36 Invalidez precoce
37 Fado
38 Mar
39 Para fazer poesia
40 Diferentes... Iguais
41 Dorme, pensamento!
42 Duplicidade
43 Somente só
44 Quer Luz!
45 Ser atleta
46 Escrever...
47 Emoções
48 Ser poeta
49 Carta a Beatriz
50 A força da poesia
51 Memórias Eternas
52 Inquietação
53 Pedaço de um diário
54 Uma questão de valores
56 Escada para a lua
57 As múltiplas faces do real
58 A incerta fixação

ESCALÃO C - POESIA E PROSA

62 Asas... Que me moldam...
63 Esmeralda verde
65 Ser jovem e estudar ... na Escola Industrial e Comercial
68 Aprender!

Ficha Técnica

Título: Os Escritores da Rocha Peixoto VI

Autoria: Escola Secundária de Rocha Peixoto

Imagens do interior:

- Fotografias tiradas pelos alunos do Curso Profissional de Técnico de Design Gráfico 2009/2012, orientados pela professora Isabel Sofia Pinheiro

- Trabalhos elaborados pelos alunos do 8º e 9º anos nas disciplinas de Expressão Artistica e Educação Visual, orientados pela professora Isabel Braga

Design Gráfico: Cláudia Moreira [claudiamoreira7@live.com.pt]

Impressão e acabametos: Gráfica Vilar do Pinheiro